



BOLETIM DE MERCADO DE CAPITAIS

NUPE - UNIFOR

Setembro/2026 #7º



Universidade
de Fortaleza

BOLETIM DE MERCADO DE CAPITAIS

NUPE - UNIFOR

Setembro/2026 #7º

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Katherine de Macêdo Maciel Mihaliuc

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva

Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Economista - Corecon-Ce n. 3.221

CNPI – n. 9113

Prof. Luiz Fernando Gonçalves Viana

Economista - Corecon-Ce n. 2.718-9

CNPI-P – n. 8409

Prof. Ricardo Aquino Coimbra

Economista - Corecon-Ce n. 2575

CNPI-P – n. 9579

Alunos

Ana Lia Costa Carneiro - Ciências Econômicas

Antônio Ademar Vidal Martins - Ciências Econômicas

Guilherme Miranda Soares - Ciências Econômicas

José Wilker de Sousa Martins - Ciências Econômicas

Samuel Alessandro A. Xavier - Ciências Econômicas



1. APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, fiel à sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reafirma seu compromisso com a educação de qualidade e com a disseminação de informações relevantes para a sociedade. Reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, a Unifor avança mais uma etapa na área de estudos financeiros, ao apresentar um documento técnico fundamentado em análises criteriosas e metodologias consolidadas.

O Boletim de Mercado de Capitais é uma publicação que tem como propósito oferecer à comunidade acadêmica e à sociedade cearense uma visão abrangente e atualizada sobre os principais movimentos do mundo dos investimentos. Com foco nas dinâmicas globais, nacionais e, especialmente, no mercado financeiro cearense, o boletim é produzido pelos alunos do curso de Ciências Econômicas, sob orientação dos professores da área, como parte das atividades práticas de formação profissional.

Utilizando uma linguagem clara e acessível, o boletim busca democratizar o conhecimento financeiro, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura de investimentos mais consciente e crítica. A publicação analisa os principais indicadores de mercado, tendências econômicas, desempenho de ativos e os fatos que influenciam as decisões dos investidores, oferecendo apoio analítico para uma melhor compreensão do cenário atual e das perspectivas futuras.

Boa Leitura

2. MERCADO DE CAPITAIS INTERNACIONAL:

O mês de setembro de 2026 marcou a materialização do risco que vinha sendo antecipado nas edições anteriores: diante de uma inflação persistente e de sinais de resiliência da atividade, o Federal Reserve promoveu a primeira elevação de juros nos Estados Unidos desde 2023, acompanhado pelo BCE, em contraste com o Banco Central do Brasil, que prosseguiu no afrouxamento. O movimento conviveu com a escalada das tensões no Oriente Médio, que levou o petróleo acima de US\$ 100 por barril, e com a alta dos juros longos, que penalizou a maior parte das ações.

Nos Estados Unidos, o Federal Reserve, na reunião encerrada em 16 de setembro, elevou a taxa dos *fed funds* em 0,25 ponto percentual, para o intervalo de 3,75% a 4,00% ao ano, a primeira alta desde 2023 e a primeira sob a presidência de Kevin Warsh. A decisão foi unânime entre os doze membros votantes, e o comunicado afirmou que a medida “apoiará um retorno mais célere à meta de 2%”. A decisão foi sustentada pelo quadro de preços e de atividade: o CPI de agosto subiu 0,4% no mês e 3,4% em 12 meses (núcleo de 2,4%), puxado pela gasolina. No mercado de trabalho, o *payroll* criou 162 mil vagas, com desemprego estável em 4,1%. Em 30 de setembro, o PCE de agosto veio abaixo do esperado (3,4% em 12 meses; núcleo de 3,0%) e o PIB do segundo trimestre foi revisado de 1,5% para 2,2% anualizados. O Treasury de 10 anos subiu de 4,75% para 5,29% no mês, maior patamar em mais de duas décadas.

Na Zona do Euro, o Banco Central Europeu (BCE), em 10 de setembro, promoveu por unanimidade a segunda elevação de juros do ciclo: a taxa de depósito subiu de 2,25% para 2,50%; a de refinanciamento, de 2,40% para 2,65%; e a de empréstimos marginais, de 2,65% para 2,90%. A decisão foi justificada pelas pressões inflacionárias associadas à energia e ao conflito no Oriente Médio. A atividade surpreendeu positivamente, uma vez que o PIB do segundo trimestre foi revisado para +0,6% ante o trimestre anterior, e o PMI industrial de setembro atingiu 52,9 pontos, o maior desde maio de 2022.

Na China, os indicadores oficiais sinalizaram uma inflexão da atividade. O PMI industrial oficial (NBS), divulgado em 30 de setembro, subiu de 49,8 para 50,1 pontos, primeira expansão desde junho, e o PMI não manufatureiro, de 49,0 para 50,2. O avanço foi impulsionado pelos setores de alta tecnologia e pelo boom de hardware voltado à inteligência artificial, além dos estímulos governamentais, embora a demanda doméstica fraca e os custos de energia sigam como vetores de incerteza.

Nos mercados internacionais, a elevação de juros e a disparada dos rendimentos longos penalizaram a maior parte das ações, e a tecnologia foi o único dos onze setores do S&P 500 em alta. O Nasdaq Composite avançou 1,86% no mês; o S&P 500 recuou 0,45%, com mais de três quartos de suas ações em queda; e o Dow Jones caiu expressivos 4,29%, interrompendo uma sequência de cinco meses de alta, penalizado pelo setor financeiro, que cedeu cerca de 6%. O petróleo superou a marca dos US\$ 100 por barril após os ataques a petroleiros em Ormuz e ao oleoduto saudita Leste-Oeste (9 a 11 de setembro), com o WTI atingindo US\$ 105,63 em 16 de setembro; a recusa dos Estados Unidos, em 26 de setembro, a uma proposta de paz do Irã levou o Brent de volta acima de US\$ 100. O WTI encerrou o mês a US\$ 90,42 (+4,9%). O índice do dólar (DXY) superou os 100 pontos e fechou a 101,45 (+2,0%), sustentado pela expectativa de juros mais altos nos EUA, enquanto o ouro, pressionado pelos juros, recuou 6,9%, para US\$ 4.186,70.

Tabela 1 - Comportamento dos principais índices e ativos pelo mundo

Índice/Ativo	País/ Mercado	Variação (%)		
		Mês	Ano	12 meses
DJI	EUA	-4,3	5,9	9,7
S&P 500	EUA	-0,5	11,8	14,4
Nasdaq	EUA	3,2	20,4	23,2
Dólar	Índice Dólar	2,0	3,2	3,8
Bitcoin	Investing.com	6,4	-4,6	-26,7

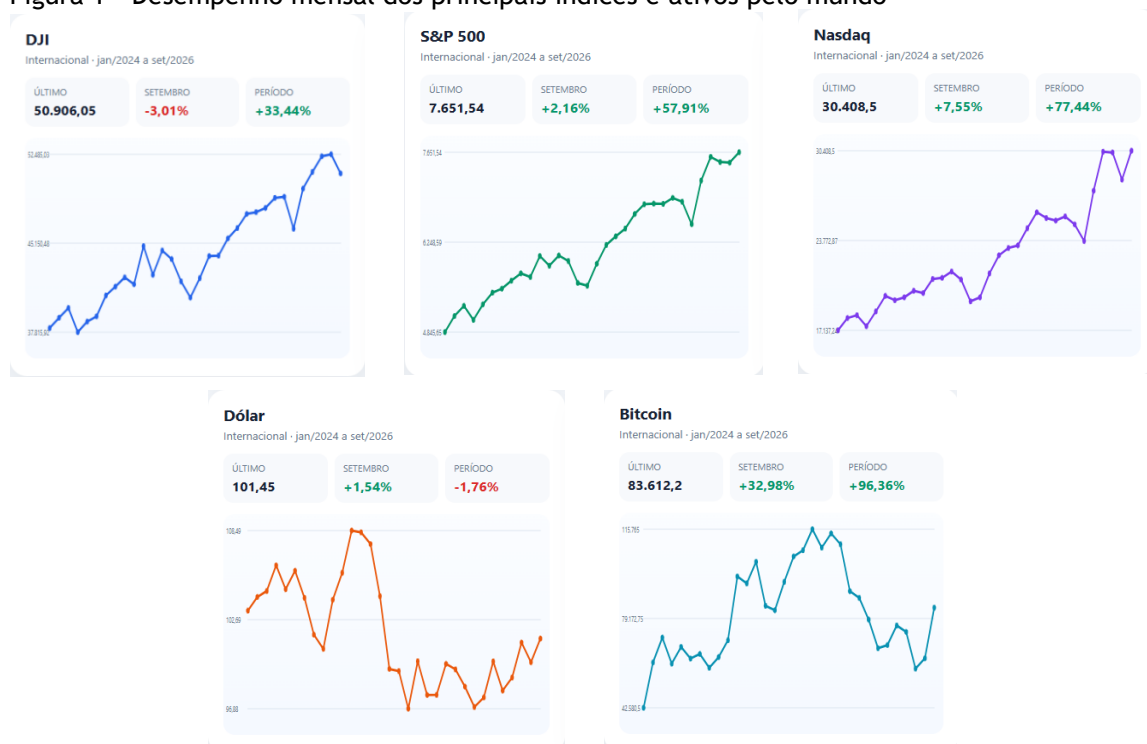
Fonte: Valor Data; Investing.com

Nota: Resultado observados até setembro de 2026

Comparando com o mês anterior, o quadro de agosto mostra um cenário mais favorável para os índices americanos: todos registraram altas mensais expressivas, especialmente o Nasdaq, reforçando o apetite por ativos de tecnologia. O dólar, por sua vez, teve leve queda no mês, sugerindo menor demanda por proteção cambial naquele período. Já o Bitcoin apresentou uma disparada pontual de quase 25% no mês, mas continua acumulando perdas significativas no ano e em 12 meses, o que evidencia sua volatilidade e fragilidade como ativo de longo prazo.

Em resumo, agosto trouxe um movimento de valorização consistente nos mercados acionários dos EUA, enquanto o Bitcoin manteve sua característica de oscilação extrema, e o dólar recuou ligeiramente, sinalizando um ambiente de maior confiança dos investidores naquele momento.

Figura 1 - Desempenho mensal dos principais índices e ativos pelo mundo



Fonte: Investing.com

Nota: Desempenho até setembro de 2026

3. MERCADO DE CAPITAIS NACIONAL

No Brasil, setembro de 2026 foi marcado pela continuidade do ciclo de flexibilização monetária, pela oscilação da inflação corrente sob efeito do Bônus de Itaipu e, sobretudo, pela crescente influência do calendário eleitoral, com o primeiro turno marcado para 4 de outubro. O Ibovespa teve o melhor mês desde janeiro, impulsionado menos pelos fundamentos e mais pela leitura política dos investidores.

Na política monetária, o Copom, em sua 281ª reunião, encerrada em 16 de setembro, reduziu a Selic em 0,25 ponto percentual, de 14,00% para 13,75% ao ano, em decisão unânime. Trata-se do quinto corte consecutivo do ciclo iniciado em março, quando a taxa estava em 15,00%, acumulando redução de 1,25 ponto percentual. O comunicado não sinalizou os próximos passos, destacou a incerteza externa ligada ao Oriente Médio e manteve em 3,2% a projeção de inflação para o primeiro trimestre de 2028, horizonte relevante. A ata do Copom, de 22 de setembro, projetou IPCA de 5,2% em 2026. A política segue em terreno restritivo, com juro real bem acima do neutro estimado pelo BC (5,0%). A moderação da atividade respaldou o corte: o IBC-Br de julho recuou 0,22% ante junho, segunda queda consecutiva, embora acumule alta de 1,5% em 12 meses.

No campo inflacionário, o IPCA de agosto, divulgado em 11 de setembro, registrou deflação de 0,32%, a primeira em um ano, levando o acumulado de 12 meses de 4,44% para 4,22% (3,11% no ano), com destaque para a Habitação (-1,87%), reflexo do Bônus de Itaipu. O IPCA-15 de setembro, divulgado em 25 de setembro, subiu 0,70%, revertendo a deflação de 0,40% de agosto, com o acumulado de 12 meses passando de 4,24% para 4,47%.

O mercado de trabalho seguiu robusto. Segundo a PNAD Contínua, divulgada em 29 de setembro, a desocupação ficou em 5,3% no trimestre encerrado em agosto, a menor para esse período na série iniciada em 2012 (5,6% um ano antes). A população ocupada atingiu recorde de 103,5 milhões, e a massa salarial também foi recorde, com rendimento médio real de R\$ 3.777 (+3,7% em 12 meses), o que sustenta a demanda interna e a inflação de serviços.

Nos mercados domésticos, o Ibovespa encerrou setembro em alta de 5,03%, aos 186.340,46 pontos, seu melhor desempenho mensal desde janeiro, acumulando ganho de 8,32% no terceiro trimestre e de 15,65% no ano. Os juros futuros longos recuaram (DI janeiro/2031 de 14,48% para 13,96%), enquanto o IFIX destoou, com leve queda de 0,20%, aos 3.755,22 pontos. No câmbio, o dólar fechou a R\$ 5,23 em 28 de setembro, maior nível desde março, após a recusa americana à proposta do Irã, mas recuou para R\$ 5,17 no último pregão, favorecido pelo PCE abaixo do esperado nos EUA, encerrando o mês praticamente estável (-0,15%). No ano, o dólar acumula queda de cerca de 5,8% frente ao real, sustentada pelo diferencial de juros e pelo fluxo estrangeiro.

Tabela 2 - Comportamento dos principais índices no Brasil

Índice	Variação (%)		
	Mês	Ano	12 meses
IBOV	5,0	15,6	27,4
IFIX	-0,2	-0,5	4,6
IEE	6,3	8,6	23,0
SMLL	5,2	6,6	13,0
ISE	6,1	6,6	13,0

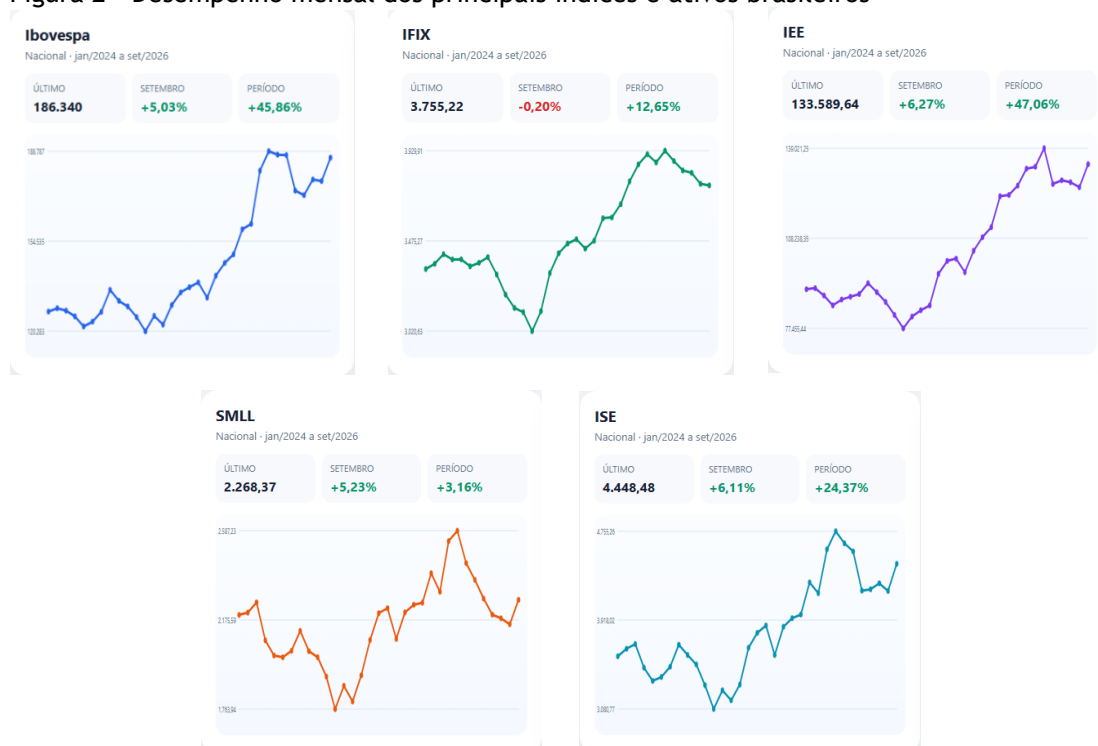
Fonte: Valor Data; Investing.com

Nota: Desempenho em setembro de 2026

Em setembro, os índices brasileiros mostraram um desempenho bastante positivo, com destaque para o Ibovespa, que avançou 5% no mês e acumula ganhos expressivos tanto no ano quanto em 12 meses. O setor de energia (IEE) e o índice de sustentabilidade (ISE) também tiveram altas relevantes, sinalizando confiança dos investidores em áreas estratégicas da economia. Já o IFIX, ligado a fundos imobiliários, destoou com leve queda, refletindo cautela diante de juros ainda elevados e menor apetite por ativos de renda imobiliária.

Em síntese, o quadro aponta para uma robusta valorização do mercado acionário brasileiro, sustentada por setores-chave, enquanto segmentos mais sensíveis ao custo de capital, como os fundos imobiliários, permanecem pressionados.

Figura 2 - Desempenho mensal dos principais índices e ativos brasileiros



Fonte: Investing.com

Nota: Desempenho até setembro de 2026

Tabela 3 - Melhor desempenho no Ibovespa

Ação	Ticker	Variação (%)	Preço (R\$)
MAGAZINE LUIZA ON	MGLU3	55,1	7,46
VAMOS ON	VAMO3	43,8	4,30
ASSAI ON	ASAI3	29,5	10,93
YDUQS PART ON	YDUQ3	27,6	11,14
CEA MODAS ON	CEAB3	20,6	10,03

Fonte: Infomoney.com

Nota: Desempenho em setembro de 2026

Em setembro, o Ibovespa foi impulsionado por fortes altas em ações ligadas ao consumo e serviços, com destaque para Magazine Luiza e Vamos, que dispararam mais de 40% no mês.

O movimento indica recuperação de confiança no mercado doméstico e valorização de papéis que estavam bastante descontados.

Tabela 4 - Pior desempenho no Ibovespa

Ação	Ticker	Variação (%)	Preço (R\$)
TENDA ON	TEND3	-18,4	27,01
CSN MINERACAO ON	CMIN3	-15,4	5,01
CURY S/A ON	CURY3	-14,9	27,74
VALE ON	VALE3	-10,2	69,91
DIRECIONAL ON	DIRR3	-9,1	10,11

Fonte: Infomoney.com

Nota: Desempenho em setembro de 2026

A tabela mostra que, em setembro, algumas ações tiveram quedas relevantes dentro do Ibovespa. Empresas ligadas à construção e incorporação, como Tenda, Cury e Direcional, aparecem entre as maiores baixas, refletindo a sensibilidade do setor imobiliário ao ambiente de juros altos. Além disso, a presença da Vale e da CSN Mineração indica que o setor de commodities também enfrentou pressão, possivelmente ligada à demanda externa e preços internacionais.

Em resumo, o pior desempenho concentrou-se em construtoras e mineradoras, sugerindo que segmentos dependentes de crédito e de condições externas foram os mais penalizados no mês.

4. Ativo do mês: Enel (COCE3)

4.1. Análise fundamentalista

Quadro 5 - Indicadores fundamentalistas

Indicador	Resultado
Índice P / L	6,79
Índice P / VP	0,51
Dividend Yield D.Y	0,00

Fonte: Status Invest

Nota: Desempenho em setembro de 2026

A análise dos fundamentos da Companhia Energética do Ceará (COCE5) apresenta uma companhia do setor de distribuição de energia elétrica, segmento caracterizado por demanda relativamente previsível e forte regulação. Os indicadores apresentados apontam para uma empresa negociada a múltiplos relativamente baixos, embora a atual ausência de distribuição de dividendos reduza seu atrativo para investidores que priorizam geração de renda.

O índice P/L de 6,79 indica que o mercado está avaliando a companhia em aproximadamente 6,8 vezes o lucro anual por ação. Esse múltiplo pode ser considerado moderado, principalmente quando analisado em conjunto com os demais indicadores de valuation apresentados.

O P/VP de 0,51 demonstra que as ações estão sendo negociadas por aproximadamente 51% de seu valor patrimonial. Em outras palavras, o mercado atribui à companhia um valor inferior ao patrimônio líquido registrado em seus balanços, indicando um desconto relevante em relação ao seu valor patrimonial.

O EV/EBITDA de 4,05 indica uma relação relativamente baixa entre o valor da empresa e sua geração operacional de caixa. Esse múltiplo ganha relevância no caso da COCE5, considerando as características de infraestrutura e a necessidade de investimentos recorrentes do setor de energia elétrica.

Em relação à remuneração dos acionistas, o Dividend Yield de 0% demonstra que, atualmente, a distribuição de dividendos não constitui o principal atrativo da COCE5. O retorno ao acionista está mais relacionado ao potencial de valorização da companhia do que à geração de renda por dividendos. Assim, o papel tende a apresentar maior interesse para investidores que priorizam valorização de capital em vez de uma estratégia baseada na distribuição de dividendos.

A COCE5 é uma companhia que apresenta indicadores de valuation interessantes para uma estratégia de investimento de médio e longo prazo, especialmente em razão do P/L de 6,79, P/VP de 0,51 e EV/EBITDA de 4,05. Entretanto, a ausência de distribuição de dividendos reduz seu atrativo para investidores que buscam renda recorrente, sendo importante considerar os riscos e as características do setor elétrico antes da tomada de decisão.

4.2. Análise técnica

Figura 3 - Gráfico semanal Companhia Energética do Ceará (COCE3)



Fonte: Tradingview.com

Nota: análise de 30/09/26

Após um longo movimento de queda observado entre meados 2023 e o início de 2025, as ações da empresa passaram por uma importante mudança de comportamento. O ativo saiu de níveis próximos de R\$ 58,00, registrados em 2023, e desenvolveu uma tendência de baixa ao longo dos anos seguintes, formando uma sequência de topos e fundos descendentes. Esse movimento levou o papel até a região de R\$ 23,50, onde encontrou um suporte relevante e iniciou um processo de recuperação.

A partir de 2025, COCE5 passou a apresentar uma estrutura de leve recuperação, com formação de fundos e topos ascendentes. O movimento ganhou força principalmente no segundo semestre de 2025, levando o ativo novamente para a região de R\$ 29,00-35,00, caracterizando uma lateralização dos preços. Atualmente, o papel encontra-se dentro desse canal (R\$ 33,25), após ter testado recentemente a resistência na faixa de R\$ 35,00 e o suporte na faixa de R\$ 29,00.

No curto prazo, o ativo permanece em uma estrutura de consolidação próxima às máximas recentes, alternando movimentos de alta e correção entre aproximadamente R\$ 29,00 e R\$ 35,00. A superação consistente da região de R\$ 34,90-35,00, preferencialmente

acompanhada de aumento de volume, seria um sinal de continuidade do movimento comprador e poderia abrir espaço para uma nova tentativa de avanço. Nesse cenário, a região de R\$ 36,00 passa a ser uma referência inicial, enquanto a extensão do movimento dependeria da capacidade do ativo de sustentar novos topos acima dessa faixa.

Por outro lado, caso COCE5 não consiga superar a resistência próxima de R\$ 35,00 e volte a apresentar pressão vendedora, a região de R\$ 29,40 passa a ser o principal suporte de curto e médio prazo. A manutenção dos preços acima desse nível preservaria a estrutura de recuperação iniciada em 2025. Uma perda consistente de R\$ 29,40 poderia indicar uma correção mais profunda, levando o ativo novamente para regiões inferiores. Nesse caso, a região de R\$ 23,50 permanece como o principal suporte estrutural do gráfico e representa o fundo que marcou a reversão da tendência de baixa anterior.

No campo dos indicadores, o IFR (Índice de Força Relativa) apresenta atualmente uma leitura próxima de 50, após ter permanecido durante boa parte de 2026 acima dessa região. O indicador encontra-se em uma posição de equilíbrio, sem indicar condição de sobre compra ou sobrevenda. A retomada do IFR acima dos 50-60, acompanhando um rompimento da resistência de R\$ 35,00, reforçaria a percepção de recuperação do momentum comprador. Por outro lado, uma perda dos 50, principalmente acompanhada pela deterioração dos preços, poderia sinalizar aumento da pressão vendedora.

Já o MACD apresenta um cenário de perda de força do movimento anterior, com o histograma tendo passado recentemente por uma região negativa e, nas últimas observações, se aproximado novamente da linha de equilíbrio. Esse comportamento indica que o momentum vendedor perdeu intensidade, mas ainda não configura, isoladamente, uma retomada forte da tendência de alta. Uma evolução positiva do histograma e uma passagem mais consistente para território positivo seriam sinais favoráveis, especialmente se ocorrerem simultaneamente ao rompimento de R\$ 35,00.

5. Síntese:

O boletim de setembro de 2026 apresenta um panorama bastante rico sobre os mercados internacionais e nacionais, destacando como fatores externos e internos se entrelaçam na formação das expectativas e dos resultados financeiros.

No cenário internacional, o mês foi marcado pela retomada do ciclo de alta de juros nos Estados Unidos e na Europa, após anos de estabilidade. A decisão do Federal Reserve e do BCE reflete a persistência da inflação e a resiliência da atividade econômica, mesmo diante de tensões geopolíticas no Oriente Médio que elevaram o preço do petróleo acima de US\$ 100. Esse ambiente de maior aversão ao risco penalizou a maior parte das ações, com exceção do setor de tecnologia, que sustentou o avanço do Nasdaq. O dólar se valorizou, reforçando seu papel de ativo defensivo, enquanto o ouro recuou, pressionado pelo aumento dos rendimentos longos. A China, por sua vez, apresentou sinais de recuperação, com indicadores industriais voltando à expansão, impulsionados por tecnologia e estímulos governamentais.

No mercado nacional, o Brasil seguiu em direção oposta às economias centrais, aprofundando o ciclo de flexibilização monetária com novo corte da Selic, agora em 13,75%. A inflação mostrou comportamento oscilante, com deflação em agosto e retomada em setembro, influenciada por fatores pontuais como o Bônus de Itaipu. O mercado de trabalho manteve robustez, com desemprego em 5,3% e massa salarial recorde, sustentando a demanda interna. Nesse contexto, o Ibovespa registrou alta de 5%, seu melhor desempenho desde janeiro, acumulando ganhos expressivos no ano. Já o IFIX recuou levemente, refletindo a sensibilidade dos fundos imobiliários ao ambiente de juros ainda elevados. O câmbio encerrou estável, mas no acumulado do ano o real se valorizou frente ao dólar, favorecido pelo diferencial de juros e pelo fluxo estrangeiro.

Entre os destaques do Ibovespa, empresas ligadas ao consumo e serviços, como Magazine Luiza e Vamos, lideraram as altas, sinalizando recuperação de confiança e valorização de papéis descontados. Por outro lado, construtoras como Tenda, Cury e Direcional figuraram entre as maiores quedas, refletindo a pressão do setor imobiliário diante do custo de crédito. Mineradoras como Vale e CSN também recuaram, impactadas por fatores externos ligados à demanda global e preços das commodities.

O boletim ainda traz a análise da Enel (COCE3) como ativo do mês. Os indicadores fundamentalistas apontam para uma empresa negociada a múltiplos atrativos (P/L de 6,79; P/VP de 0,51; EV/EBITDA de 4,05), sugerindo potencial de valorização de médio e longo prazo. Contudo, a ausência de dividendos reduz seu apelo para investidores que priorizam renda recorrente. A análise técnica mostra o ativo em consolidação, oscilando entre R\$ 29 e R\$ 35, com possibilidade de retomada da tendência de alta caso supere resistências relevantes.

Em síntese, setembro de 2026 evidenciou uma divergência clara entre os mercados globais e o Brasil. Enquanto EUA e Europa reagiram à inflação com alta de juros, penalizando ativos financeiros, o Brasil avançou com cortes na Selic e valorização do mercado acionário, impulsionado pelo calendário eleitoral e pela força do consumo interno. O mês reforça a necessidade de uma leitura integrada dos fatores externos e internos: tensões geopolíticas, juros internacionais e preços de commodities, de um lado; política monetária, inflação, emprego e eleições, de outro. Essa combinação molda o ambiente de investimentos e exige dos agentes econômicos uma postura crítica e estratégica diante das oportunidades e riscos.

Disclaimer

O conteúdo apresentado neste material é de caráter estritamente educacional e visa fornecer informações que auxiliem a compreensão dos temas discutidos. A (Universidade de Fortaleza - Unifor), não garante que os dados fornecidos sejam totalmente isentos de distorções e não se compromete com a veracidade ou integridade dessas informações. Não garantimos qualquer tipo de lucro, nem nos responsabilizamos por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base no conteúdo divulgado.

- Este material não deve ser interpretado como recomendação, oferta ou solicitação de compra ou venda de quaisquer títulos, valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros.
- Investimentos nos mercados financeiros e de capitais envolvem riscos, incluindo a possibilidade de perdas superiores ao capital investido.
- Rentabilidade passada não é garantia de resultados futuros.
- As informações contidas aqui baseiam-se em simulações, e os resultados reais poderão divergir significativamente.
- A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

